



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

**Universidade Estadual da Paraíba
Campus III - Guarabira
Centro de Humanidades Osmar de Aquino
Curso de História**

JULIANA HELENA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Rio Tinto: tecendo outras histórias

GUARABIRA

2016

JULIANA HELENA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Rio Tinto: tecendo outras histórias

Artigo apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB –Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em História, realizado sob a orientação do Professor Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima.

GUARABIRA

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

O48r

Oliveira, Juliana Helena Ribeiro de

Rio Tinto: tecendo outras histórias / Juliana Helena
Ribeiro de Oliveira. – Guarabira: UEPB, 2016.
35 p.

Artigo (Graduação em História) – Universidade
Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima”.

1. Rio Tinto - Paraíba. 2. Companhia de Tecidos. 3.
História da Paraíba. I.Título.

22.ed. CDD 981.33

JULLIANA HELENA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Rio Tinto: tecendo outras histórias

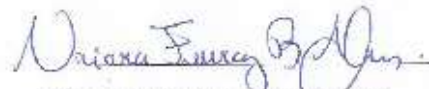
Artigo apresentado ao Programa de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovada em: 13

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Nairara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Aline Provedes de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA

2016

“Quero trazer a memória o
que me pode dar esperança.”

Profeta Jeremias,
Lamentações, capítulo 3,
versículo 21.

Dedicatória

É incrível chegar até aqui. Parece que não tinha mais fim. Minha passagem pela UEPB como discente de História, acabou tornando-me quase enraizada, como parte de um todo na memória desse lugar. São quase 10 anos de crescimento e amadurecimento.

Muitas foram as alegrias e muitas lágrimas derramadas que se encontram agora marcadas para sempre em minha vida. Chegou a hora de agradecer àqueles que, realmente me viram e me fizeram crescer intelectualmente, dando-me coragem para nunca desistir. É chegada a hora de encerrar um ciclo e de repetir o que minha sábia e admirada mãe sempre me fala: -“Tudo que começa, tem fim!”

Jamais deixaria de começar agradecendo a ela, minha amada mãe, Sandra Helena. Mulher forte, temente a Deus que me ensinou com amor que na vida temos que ser honrados, solidários. Muitas foram, às vezes, que ela cuidou de meu filho para que eu pudesse dar um futuro mais digno a ele. Só sei agradecê-la com o meu amor. À ela toda minha admiração e respeito do mundo!

Ao meu marido, Gilmar Júnior, companheiro e amigo que me acompanha desde o início do curso e sabe de minha caminhada e do meu sonho em ser Historiadora. Apoiou-me e confiou em mim, quando deixei nosso lar e voltei para Guarabira para assim, terminar o meu curso. O admiro como homem, como pai do meu filho e agradeço por ser meu porto seguro todos esses anos.

À minha irmã, Pollyana de Cássia, por sempre me ajudar, apoiar-me, confortar-me quando na madrugada, muitas vezes, ficou acordada comigo, dando-me forças para concluir este trabalho acadêmico. É o meu espelho de ser humano nessa vida.

A todos os professores da UEPB, mas especialmente àqueles que ensinam mais do que está no currículo. Ensinam a viver! Marisa Tayra (in memorian), João Bueno, Naiara Ferraz, Waldecir Chagas, Luciana Calissi, Elisa Mariana, especialmente ao meu orientador Dr Carlos Adriano que acreditou e confiou em mim e em meu trabalho me dando todo apoio que necessitei para a conclusão desse ciclo. Enfim, muitos foram mais do que professores, tornaram-se amigos que eu gostaria de levá-los para sempre comigo.

A coordenação de história, mas especialmente a Lutécia, que foi um anjo colocado em meu caminho no momento em que mais necessitei, em meio a uma gestação de risco, ela sempre esteve me ajudando e serei eternamente grata por tudo que fez por mim.

Aos amigos de curso no longo desses quase 10 anos de UEPB. Foram muitos que passaram, mas alguns ficaram e ficarão para sempre.

Ao meu filho, Guilherme. Razão da minha vida. Por ele, eu vivo!

A Deus, por me permitir está aqui agradecendo. Ele que é meu norte, minha fortaleza. Obrigada!

RESUMO

A História do Brasil é calcada desde o período colonial, seguindo pelo Império e perpassando as duas repúblicas pela presença cotidiana de famílias com poderes simbólicos e de mecanismos de controle nas regiões em que vivem. Dentre tais, destacamos a família Lundgren. Tais famílias traziam uma tradição social intrínseca relacionada às diversas nacionalidades que se fortaleceram na história em nosso país. Podemos identificar também a presença de inúmeros povoados fundados a partir da presença de famílias dotadas de posses, e ao se expandirem com o passar do tempo, tornaram-se vilas e, *a posteriori*, cidades. É certo também que várias histórias desses povoados, possivelmente não foram preservadas, tendo em vista que as histórias ao longo do processo de povoamento, perderam-se no tempo, devido a falta de critérios que norteassem os fatos e/ou registros desenvolvidos ao longo do processo histórico, todavia, os aspectos pertencentes à memória de muitas pessoas, possibilitaram a construção da narrativa direcionada à história. Este artigo tem como objetivo despertar a necessidade de compreender como se deu o processo de colonização da cidade de Rio Tinto, perpassando desde o seu apogeu socioeconômico até o seu declínio comercial. A partir desse delineamento, pretendemos entender dessa cidade no processo histórico do Brasil, haja vista que ela possuía o maior parque têxtil do Brasil durante a segunda década do século XX. Por isso, utilizamos em nosso trabalho autores como João Batista Fernandes (2000), Raul de Goes (1964) dentre outros autores.

Palavras-chave: Rio Tinto. Companhia de tecidos. História.

ABSTRACT

The history of Brazil is marked in its social construction, political and economic daily presence of families containing a high purchasing power, specifically, Lundgren family. Such families brought an intrinsic social tradition related to the various nationalities strengthened in our country throughout history. We can also identify the presence of numerous settlements founded from the presence of families provided with means, and to expand over time, become towns and, subsequently, cities. It is also true that several stories of these settlements, possibly were not preserved, given that the stories throughout the settlement process, were lost over time due to lack of criteria nor the facts and / or records developed to throughout the historical process, however, aspects pertaining to the memory of many people, made possible the construction of the narrative directed to history. This article aims to awaken the need to understand how was the process of colonization of the city of Rio Tinto, permeating from its socioeconomic heyday to its commercial decline. From this design, we aim to understand this city in the historical process of Brazil, given that it had the largest textile park Brazil during the second decade of the twentieth century. So we use in our work authors like João Batista Fernandes (2000) , Raul Goes (1964) among other authors.

Keywords: Rio Tinto. Tissue Company. History.

1 Introdução

De acordo com Goes(1964) Herman Theodor Lundgren (1835-1907) foi o primeiro representante a desembarcar em terras brasileiras, na cidade do Recife. Teria vindo para o Brasil com o intuito de escapar da grande crise que afligiu a cidade que residia, Norrköping, na Suíça. Caso curioso é que muitos moradores acreditavam que os Lundgren fossem de descendência alemã, talvez por seus costumes, olhos azuis e pele branca. Essa é mais uma curiosidade nata da cidade, já que ainda há muitas histórias para serem contadas acerca da fundação de Rio Tinto como muitos supunham em diversos relatos dirigidos a origem desta família, conforme nos aponta Raul de Goes.

Herman Lundgren chegou ao porto de Recife, na época, a segunda cidade mais importante do Brasil, e logo conseguiu empregar-se como intérprete do porto, pois o mesmo era poliglota, ou seja, tinha domínio de diversas línguas como, por exemplo, o alemão, o inglês e especificamente o sueco.

Por conseguinte, aprendeu rapidamente o português. Diante do seu senso-crítico, percebeu que toda pólvora que desembarcava no porto custava demasiadamente caro por ser importada. A partir deste fato, decidiu, então, fundar uma fábrica de pólvora no Recife.

Ele foi o responsável por dar início ao processo de industrialização do Nordeste. No ano de 1866, fundou a sua primeira empresa, a então pioneira fábrica de pólvora, Pernambuco *Powder Factory*. Logo, casou-se com Anna Elizabete Stolzenwaldd, descendente de dinamarqueses que também era poliglota e vivia em Recife como professora de línguas. A união matrimonial resultou em 5 (cinco) filhos.

Alberto Ludgren, assim que adquiriu a maioridade, foi nomeado por seu irmão Frederico Ludgren a presidente das Lojas Paulista na cidade de Paulista que depois veio a se tornar Casas Pernambucanas. Frederico, o primogênito, herdou do pai as qualidades administrativas para construir.

Descrever minuciosamente o que foi em vida o coronel Frederico João Lundgren, é muitíssimo difícil. Era um homem por demais diligente tendo, porem, um hábito ou defeito que não o ilustrava muito: era desses que acreditava em primeira formação, muito embora que logo após passada a crise de afobação, pedia desculpas com retratação. (FERNANDES, 2000, p.60)

Após a fábrica de pólvora. Herman Theodor se aventura a comprar um pequeno estabelecimento na cidade de Recife e funda a fábrica Paulista. Com isso, ela acabou tornando-se uma das fábricas manufaturadas mais importantes do Brasil, visto que seu maquinário era moderno, de origem inglesa. Após a morte de Herman, seu filho Frederico assume a administração da fábrica. A prosperidade da fábrica fez Frederico investir no ramo têxtil.

É a partir desta experiência industrial, que ele começou a implantar uma empresa têxtil no povoado, localizado no litoral Norte da Paraíba, que posteriormente, dar-se-ia, a colonização deste território, fundando, assim, a atual cidade de Rio Tinto, na Paraíba.

Frederico entendia também, e muito de política-brazileira e dizia não existir coisa mais degradante na face da terra. Afirmava isso com bastante segurança, pois foi eleito deputado uma primeira vez, e jamais tentou a segunda! Certa feita, em Rio Tinto, durante uma reunião periódica, de co-gerentes, ele coronel Frederico, pronunciou-se sobre a seca crônica e caustigante nordestina que ceifa a elevada quantidade de vidas humanas, animais, e a lavoura como o algodão que representa o ouro branco do Nordeste! Afirmou naquela reunião que a seca no Nordeste somente existia porque servia aos interesses falcatrueiros de ladrões politiqueros. (FERNANDES, 2000, p.60)

Diante desta constatação, começou o processo de instalação da aparelhagem geopolítico e administrativo da cidade de Rio Tinto, localizada na região metropolitana de João Pessoa, cuja estimativa populacional, segundo O IBGE (2015) está em torno de 24 mil habitantes. O trabalho está dividido em tópicos, cujos nomes são: De aldeia da preguiça a ativa colmeia, emancipação de Rio Tinto, estrutura da Cidade – Fábrica, pioneiros da indústria, a visita de Getúlio Vargas e o princípio do fim.

2 De aldeia da preguiça a ativa colmeia operária

De acordo com Eltern Campina Vale (2008) há duas versões da escolha do local que parece não ter sido ao acaso. A primeira foi a perseguição política sofrida pelos Lundgren em Pernambuco já que Frederico nunca foi dado a politicagem. A segunda seria a da isenção de impostos concedida por Camilo de Holanda (1916-1920), então governador da Paraíba. Celso Mariz(1985) cita em seu livro O passado e o presente de Mamanguape que os Lundgren devem ter considerado vários elementos de seu interesse.

A escolha dos Lundgren foi um engenho de fogo morto, situado na Aldeia Preguiça, que estava desativado há algum tempo e ficava localizada próximo à Mamanguape. *A priori*, procuramos compreender o porquê do nome preguiça, cuja elucidação deu-se com os argumentos de Fernandes (2000) em que afirma que o sufixo preguiça foi posto naquela propriedade, devido ao número incalculável desses bichos de nome encrencado, mas que comumente chamados de “preguiça”.

O engenho era um lugar bastante isolado, mas que possuía demasiada matéria prima – o algodão – e de mata atlântica que serviria para alimentar as caldeiras. Possuía além de rios navegáveis uma proximidade também com o mar, já que Rio Tinto é uma cidade litorânea.

Mas acreditamos, que o motivo principal para a escolha do Engenho Preguiça para dar vida a Fábrica Rio Tinto fora a isenção de impostos concedida pelo presidente da província da Paraíba, Dr. Camilo Holanda, durante 25 anos. Também ficou determinada a fábrica que a mesma manteria por sua conta a cidade-fábrica, com saúde, educação, lazer, contingente policial, dentre outras atribuições.

Segundo VALE (2008), Joao Batista Fernandes escreveu de forma apologética em “O pai do vento” (2000), que o coronel Frederico ficou na obrigação de manter por sua conta em Rio Tinto, tudo que se relacionasse com necessidade de interesse publico.

Com isso, ainda de acordo com Fernandes (2000), para cada hectare de madeira cortada para as construções e para as caldeiras, a fábrica teria de plantar outro hectare de eucalipto. Sobre a vida do coronel Frederico João Lundgren (1879-1946), o mesmo nasceu no Recife, no bairro dos Aflitos, ficando na mesma localidade até a sua morte.

Como chefe da fábrica, deu emprego a vários alemães que vieram ao Brasil em busca de melhores condições de vida.

Na verdade, Fernandes afirma em seu livro que Frederico chegou a confessar a funcionários da fábrica, que teria um compromisso de honra com ingleses e alemães, pois quando quis expandir o parque industrial de Paulista e construir a fábrica de Rio Tinto não conseguiu financiamento no Banco do Brasil, e foram os estrangeiros a confiarem na sua empreitada, e por isso jamais deixaria de dar emprego às pessoas destas nacionalidades.

Muitas são as histórias que ainda povoam o imaginário da população de Rio Tinto. Até hoje, os moradores mais antigos e que trabalharam na fábrica, no período de Frederico, afirmam que muitos dos navios que aqui desembarcavam com maquinário para a fábrica traziam alemães que fugiam da grande guerra e eram acobertados pelo Coronel Lundgren.

Frederico João Lundgren deu a seguinte ordem

Volte a Mamanguape. Você vai morar lá. Vai ser comerciante e vai comprar a Preguiça. Artur de Goes deu conta do recado. Estabeleceu-se no Salema – o antigo e abandonado porto fluvial da cidade – montando sortida mercearia. Familiarizou-se com gente do lugar e adquiriu Preguiça, sem pestanejar, para espanto de toda aquela gente. - Só pode estar doído. Aquilo é o fim do mundo...

E passou a comprar mais terras adjacentes a Preguiça. A sua mercearia era um chamariz, não de interessados na compra de artigos, bacalhau, farinha, charque, manteiga, banha, mas na venda de terrenos e de sítios limítrofes do velho engenho. E Artur Barbosa de Goes lá comprando, de acordo com as sucessivas e esclarecedoras instruções vindas de Paulista. (GOES, 1964, p.70).

Segundo Goes (1964), em meados de 1917, a família Lundgren comprou o Engenho do senhor Alberto César de Albuquerque, por 23 contos de réis. Tal aquisição, rendeu 660 km² de área para a construção da nova cidade-fábrica. A revelação se espalha como rastilho de pólvora, provocando onda de espanto entre os alvoroçados moradores da região. Os Lundgren donos das piores terras de Mamanguape! O que eles vão fazer com o malsinado sítio de Preguiça? Ao ser questionado sobre o que Frederico faria naquele lugar esquecido pelo mundo, ele respondeu provocando mais estranheza: *vamos plantar gente!*

O coronel deu um ano de prazo para que o antigo dono da propriedade subtraísse de preguiça tudo que pudesse ser retirado de material e tudo mais. Podemos observar isso com Fernandes:

Aquele coronel Frederico Lundgren era mesmo um barriga cheia! Como devemos está lembrados, a venda da propriedade “Engenho da Preguiça” deu-se no ano de 1917, e nesse mesmo ano o coronel Frederico se fez apresentar ao Presidente do Estado da Paraíba-general Camilo de Holanda- apresentando-lhe esboços de edificação de uma fábrica têxtil, nunca sonhada no Nordeste. (2000, p. 08)

Com a implantação da Fabrica em Rio Tinto, Mamanguape ganhou fôlego e foi revigorada, já que Rio Tinto pertencia ao distrito de Mamanguape. Artur de Goes descreveu o engenho Preguiça como “terra pantanosa, de nula serventia, dominada pela malária e longe do mundo”. Mas foi em menos de duas décadas que os Lundgren transformaram de modo radical a paisagem até então imaculada. O silêncio deu lugar ao barulho das máquinas, a vegetação ganhou altas chaminés, os mangues deram lugar às casas, e as estradas encurtaram as distâncias de Rio Tinto com o progresso.

Aos poucos Rio Tinto foi se tornando uma “ativa colmeia operária” como escreveu Ademar Vidal, citado na obra de Goes. E um grande parque têxtil foi sendo construído em um dos lugares que, ate antes, era esquecido do Brasil. Mas para que tudo fosse ganhando vida, era preciso de principalmente, mão de obra. E é com a chegada de trabalhadores advindos de todos os lugares da região que a fábrica se tornou uma referência no ramo têxtil.

A construção da Companhia de tecidos de Rio Tinto pelos Lundgren já possuía um plano. A fábrica já era prevista, da fábrica a construção de uma vila, e de uma vila o florescer de uma cidade. Os Lundgren, na verdade, queriam recuperar sua posição e suas influências já perdidas sobre Paulista. Eles queriam construir um império, e conquistando, assim, todo o mercado têxtil do país.

De acordo com Fernandes (1979) por volta de 1918, começou a fundação da fábrica, cujos serviços mais pesados ficaram à cabo dos trabalhadores, os quais foram atraídos pelo possível crescimento vigente destinado às instalações da referida indústria. Estes trabalhadores provinham de diversas regiões, com o intuito de buscar uma ascensão social e econômica.

3 Emancipação de Rio Tinto e estrutura da cidade-fábrica

Segundo Fernandes (2000), a fábrica e a prefeitura de Mamanguape começaram a se desentender por volta de 1925. A fábrica que possuía uma isenção de impostos concedida pelo Governo da Paraíba, cobrava da prefeitura de Mamanguape a mesma regalia, fato que a prefeitura não concordava.

Nos dias do Governo de João Fernandes de Lima, a Assembleia Legislativa aprovou um projeto do então deputado Clovis Bezerra Cavalcanti para criar o município de Rio Tinto, mas o governador vetou tal projeto. João Fernandes foi governador de 1953 à 1954 e nesse período, Eduardo de Alencar Ferreira era o prefeito de Mamanguape e também genro de Arthur Herman Lundgren, um dos donos da fábrica Rio Tinto.

Para surpresa geral, em 1 de dezembro de 1956, na Assembleia Legislativa do Estado, foi aprovado o desmembramento de Rio Tinto e em 06 de dezembro de 1956 a lei nº 1622 foi sancionada. A emancipação se deu quando o prefeito de Mamanguape era Francisco Gerbasi. Conforme Fernandes (2000, p. 90) afirma

Com o desastre do desligamento de Rio Tinto, ou seja, quando Rio Tinto passou a ser município próprio, Gerbasi sofreu muito. Pensava ele - apesar dos pareceres que eu e outros oferecíamos - que o fim do velho Mamanguape estava selado! Êle tinha razão: era filho de Mamanguape! Mas, aos poucos, ele foi vendo que eu e os outros tínhamos as nossas razões.

Com isso, Rio Tinto tornou-se uma cidade independente geopoliticamente, com a instalação de cargos eletivos como o de prefeito e de vereadores para tomarem os rumos sociais e econômicos da cidade.

Com a instalação da fábrica, os Lundgren investiram maciçamente, no que diz respeito ao maquinário que seria usado na empresa. Por isso, eles investiram também em estradas e ferrovias, cujos propósitos eram dar celeridade ao escoamento da produção realizada pela fábrica.

Segundo Fernandes(1979) a construção da vila operária ocorreu logo após a instalação da olaria. Deu-se por volta de 1918 e os materiais utilizados vinham dos tijolos foi a cal, misturada com a areia branca das margens do rio vermelho, já que o

cimento era importado e demasiadamente caro para o uso nas vilas. Os tijolos vinham de tatu-peba, localidade próxima de Rio Tinto. Cada casa da vila comportava, mesmo que sem espaço, de 3 a 5 famílias, às vezes, até mais. Eram iluminadas por candeeiros. Não possuíam banheiros nem água encanada e as ruas havia chafarizes que serviam para abastecer as casas da vila.

A farmácia, a igreja, as feiras livres, o posto de saúde, os grupos escolares, a padaria, os clubes e o cinema foram todos construídos entre 1923 a 1944, bem como os mesmos eram mantidos pela família Lundgren. O desenho e arquitetura da cidade obedeciam à regra de hierarquia imposta pela mesma. Nas casas simples ficam os operários. Por sua vez, os mestres tinham iluminação a gás e água em suas casas. Já nos os chalés, as residências mais suntuosas e confortáveis, ficavam os técnicos de alto nível e dos chefes de setores.

Para corroborar com este pensamento, segundo ainda Fernandes (2000, p. 105)

No entanto, vale a pena fazer-se uma observação que pouquíssimas pessoas sabem: é que todo Rio Tinto construído não recebeu, em sua construção, um único quilo de cimento sequer! E sabem por que!? Porque simplesmente não havia fabricação de cimento no Brasil, naquela época.

A igreja de Santa Rita de Cássia foi construída em 1923. Era um chalé comum como todos os outros que ainda existem na praça João Pessoa, a principal da cidade. A construção do templo foi sendo iniciada por fora, deixando o antigo por dentro. Por volta de agosto de 1945, a igreja ainda estava em construção. A igreja é um dos mais belos prédios construídos pelos Lundgren e possui em sua frente, o desenho muito peculiar que muitos moradores acreditam que seja uma alusão à águia nazista. Outra curiosidade sobre a mesma é que, até hoje, ela é a única igreja que o seu templo não pertence à Roma.

A igreja até hoje paga um singelo aluguel aos Lundgren para uso de suas dependências. Segundo Mello (1988), a Igreja permaneceu, desde a sua fundação, como verdadeira dependência da CTRT que pagava espécie de cômputo aos capelães, que se transformam, desta maneira, um assalariado daquela.

O núcleo de Atividades escolares recebeu o nome de Frederico Lundgren e tinha como orientador escolar da fábrica seu José de Oliveira Lopes Ribeiro. Pessoa de

extrema competência e demasiadamente rigoroso, tendo em vista que ele era quem escolhia seus alunos para constituir o grupo de elite intelectual de Rio Tinto.

Em 1944, Os Lundgren inauguraram em Rio Tinto, o Cine Teatro Orion, que possuiu, por anos, o status de maior cinema da América Latina. E, por fim, o palacete dos Lundgren foi construído entre o período de 1944 e 1945, na localidade do alto da vila Regina.

Segundo Fernandes (2000), o tiro de Guerra, instalou-se quase em frente ao palacete dos Lundgren. Inicialmente, denominou-se de TG 150. Atualmente, chama-se de TG 07-001 foi a primeira construção na parte alta, isto é, uma localização que fica situada na parte alta da cidade, do ponto de vista geográfico, ao lado esquerdo da antiga subida da ladeira da vila e foi resultado de um convênio com o exército brasileiro, cujo objetivo era de conciliar o serviço militar com o serviço fabril.

Em 1947, estavam matriculados, aproximadamente 299 atiradores e primeiro diretor foi o prefeito de Mamanguape, Francisco Alves de Souza. Em 1946, foi instalado um núcleo do SENAI, com o intuito de habilitar tecnicamente e profissionalmente as pessoas para executarem diferentes funções necessárias à fábrica. Em 1959, a fábrica construiu o seu campo de aviação.

Sobre a alimentação dos moradores da vila, ela era produzida na própria cidade. Ao chegar a Rio Tinto, logo se avistava as grandes plantações das mais variadas frutas, verduras, raízes e hortaliças. Possuía também uma vasta criação de animais e uma casa de farinha. O barracão que funcionava como mercearia, está situada atualmente, a empresa de viação Rio Tinto, que faz o itinerário Rio Tinto – João Pessoa – Campina Grande. Esse tipo de barracão é um sistema claro de exploração da população onde os alimentos são colocados a preços mais altos para serem trocados pela mão-de-obra do operário da fábrica, prática corriqueira do coronelismo.

Mesmo a fábrica tentando transparecer uma/um mãe/pai para Rio Tinto, e sendo os Lundgren os responsáveis por levar o progresso econômico para os moradores da cidade-fábrica, é notório o sistema de exploração do operariado. Com isso, parece simples, a cidade de Rio Tinto tornar-se uma cidade autossuficiente.

Segundo Fernandes (2000), por volta de 1922, a Companhia de tecidos Rio Tinto seria a segunda maior do Brasil em instalações e em número de teares. A vila já contaria com aproximadamente 2.000 casas, segundo as quais cerca de 700 estariam

prontas para moradia. O conjunto de habitações para os funcionários da companhia foi inaugurado em 24 de outubro de 1924 e já era habitado por quase 14.000 pessoas.

A companhia de tecidos de fato começou a funcionar em 27 de dezembro de 1924. Uma multidão de expectadores. Dentre eles, presenciaram a inauguração, inúmeros jornalistas e políticos, que aguardavam a abertura dos portões. Para a surpresa de todos, a companhia demonstrou uma aparelhagem muito dinâmica para época. Portanto, só em 1956, Rio Tinto torna-se município e recebe esse nome visto a coloração avermelhada dos rios que cercam a cidade.

4 Pioneiros da indústria Paraibana

Segundo Fernandes (2000), os Lundgren conseguiram erguer um império em um sistema de isolar seus funcionários do restante do espaço, já que possuíam uma mão de obra que não era assalariada e que trabalhava quase 12 horas por dia e ganhava por produção. A população pagou o preço por todo o desenvolvimento dos Lundgren em Rio Tinto. Quando algum setor da fábrica parava por alguma quebra de maquinário e vale salientar que a fábrica possuía uma casa de ferragens para fabricação das peças danificadas. Por isso, os funcionários daquele setor eram remanejados, conforme a necessidade sobre o contingenciamento trabalhista.

Ainda segundo Fernandes, os Lundgren detinham o controle da vida dos seus operários dentro e fora dos muros da fábrica. Era na verdade, uma liberdade vigiada, um regime assistencialista e até paternalista, uma vez que ela oferecia moradia, lazer, saúde e educação para seus funcionários. Em contrapartida, as pessoas que não eram identificadas como moradores destas áreas, eram colocadas para fora das áreas que não eram “vigiadas” pela família Lundgren.

Segundo diálogos informais com alguns moradores, muitos foram os que chegaram a falar no tempo da “morosa”. A morosa nada mais era que a preguiça. Certa indisposição que os trabalhadores encaravam durante o trabalho, visto que a exploração que eles sofriam, refletiam em muito desgastes físicos e psicológicos. Quem fosse pego na morosa, ou demorando demais no banheiro era posto para fora ou iria parar no “quarto 14”. Diante de alguns relatos, esse quarto servia de repressão atrelada aos que entravam neste recinto.

O “cacimbão da mata do burro” era um lugar no meio da mata, em que se localizava um buraco, com uma roda de ferro no centro. Neste local, os desobedientes eram despejados vivos e desapareciam pelas mãos dos vigias e capatazes da fábrica e quem ferisse às leis da vila sob mandado do coronel Frederico Lundgren, sofriam muitas restrições como por exemplo, falta de alimentação e higiene pessoal. É claro o nível de exploração dos operários, por isso as práticas de Frederico só corroboram a ideia de seu modo coronelista de controlar toda a cidade-fábrica. Rio Tinto torna-se, portanto, uma cidade privada .

Havia em Rio Tinto um forte controle das atividades urbanas. Os moradores da cidade fábrica tinham privilégios incomuns para aquele período. Passeavam na praia custeada pela companhia. Saíam também para cinema ao ar livre, boliche, tênis, festas em clubes.

Tal iniciativa tinha um propósito muito peculiar, que era evitar motins, reivindicações trabalhistas e greves, já que elas eram constantes no cenário brasileiro, mas também os passeios incentivavam mais a produtividade e serviam também para esconder a exploração operária devido à inexistência de salário mínimo. Segundo Fernandes(2000) é tão extenso é o domínio dessa fábrica que abrange todo o município de Rio Tinto, onde se diz, só o ar que se respira não é propriedade da fábrica.

Por fim, a produção da fábrica era diversificada. Tecidos em brim, tricolines e outros eram produzidos e levados a todo o momento para a Casa Pernambucanas, cuja propriedade era dos Lundgren e que possuíam uma rede de filiais espalhadas por todo país. Segundo Mariz (1939) a construção da fábrica rio tinto com tecidos, estamparia, usina elétrica, a fundação mecânica teve início em 1917, sendo inaugurada festivamente em 1924, com a presença de autoridades, pessoas da terra e forasteiros. Foi um dos maiores acontecimentos dos últimos anos no estado.

5 A visita de Getúlio

Segundo Fernandes(2000) e Maia(1933), em 13 de setembro de 1933, a Companhia recebeu a visita do então presidente Getúlio Vargas, conseguindo, assim, um contrato para a produção de algodão mesclado azul e também do brim branco para ser usado pela Marinha de Guerra do Brasil. Com isso, o brim esverdeado seria utilizado pela infantaria do exército, em contrapartida, o gabardine pela aeronáutica.

De acordo com Fernandes (2000), essa visita tornou-se uma visita histórica, porque Rio Tinto fora o único município do estado paraibano que foi visitado pelo grande presidente. A comitiva que acompanha o presidente foi encaminhada ao entrar em Rio Tinto direto para o “clubes dos diários”, que hoje é as ruínas do antigo Tênis Clube. Frederico Lundgren mandou preparar um banquete em seu palacete para essa recepção dos visitantes.

Sobre este acontecimento Maia (1933, p. 92-93) diz

Resolvido a conhecer o interior, foi levado pelos maiores da política paraibana, ao rio tinto, então simples vila do município de Mamanguape”. Passaria direto pelas ruas da velha cidade de Mamanguape. Era isto, uma exigência da diretoria da fábrica que, desavinda conosco, não queria perder a primazia em recebê-lo e homenageá-lo...E assim o foi... Resolvi, então, em atitude de protesto, não tomar conhecimento da sua visita ao dito povoado, ali não comparecendo. Apenas saudaria o chefe da nação, com uma girandola, a sua passagem pela cidade, cujas ruas se conservariam sem gente e sem solidários que se achavam com a minha atitude. E assim o foi.

Getúlio foi recebido com demasiada festa, as ruas estavam ornamentadas. Ao meio dia, o banquete foi servido, regado a brinde de champagne, pacas, tatus, caranguejos e muita bebida. O brinde foi pedido pelo Frederico Lundgren para que saudassem a saúde do então presidente da República. Segundo Fernandes (2000) Aquela famosa visita, não deixou de ser felicíssima porque dentro de poucos dias surgiram mais de três mil empregos.

Era escancaradamente o uso e abuso de poder pelos Lundgren na região. A prova disso, é que Frederico formou seu próprio corpo de guarda e indicou delegados sem ser questionado em momento algum. Como consequência das suas práticas coronelistas, não só na indústria, como também na política, o primeiro prefeito de Rio Tinto foi Arthur Lundgren.

Por volta de 1962, a fábrica foi beneficiada pela SUDENE(Superintendência de Desenvolvimento do Norte e Nordeste), através do programa de reequipamento da indústria têxtil e, com isso, muitos funcionários da fábrica foram dispensados, visto que a modernização que chegou às indústrias do sul do país agora alcançou a cidade fabril. Resultando, assim, em demissões de muitos operários, pois a compra dos equipamentos eram caros demais e para diminuir os gastos, ocorreu essas demissões. Os operários que tinham mais de 20 anos de trabalho na fábrica foram dispensados e a casa onde moravam foi a indenização recebida pelo tempo de serviço.

Com a modernização, aconteceram transformações em Rio Tinto e conseqüentemente mais circulação da moeda com a chegada dos bancos do Brasil, Bradesco e Paraiban. Hoje Rio Tinto tem apenas o Banco do Brasil, um caixa do Bradesco e as lotéricas que atendem a caixa econômica federal.

Vale salientar que se antes a manutenção das moradias era proveniente da companhia de tecidos, agora, com o processo de urbanização da cidade e modernização da moeda, cabe agora aos próprios moradores às obras efetuadas em suas propriedades.

6 O princípio do fim

Segundo Fernandes (2000), Rio Tinto nunca teve adversários, mas sim, inimigos. Diante desta situação, a família Frederico deu várias vezes demonstrações de que amava Rio Tinto, pois foi ele quem a construiu intelectualmente. Desde a queda de seu grande presidente, o Vargas, Frederico caiu em um vale de melancolia.

Implantada que foi a anarquia generalizada em Rio Tinto, o coronel Frederico não mais retornou à Rússia Paraibana, como ele mesmo passou a chama-lo. Perdi a liderança e, portanto, não sou mais o chefe! (FERNANDES, 2000, p.75).

Com a morte de Frederico em 1946, a companhia começou a enfrentar dificuldades. Seu irmão Arthur assume a direção e tenta retirar benefícios antes oferecidos aos trabalhadores por Frederico. A cobrança de aluguel das casas foi um deles, já que os trabalhadores não pagavam para morarem na vila. As leis trabalhistas, criadas em 1943, que introduziam o salário mínimo, por exemplo, dificultou a forma que Frederico geria a fábrica. Como também o surgimento de novas estradas que trouxeram a concorrência dos produtos do sudeste e sul do país.

A fábrica não suportou a concorrência e modernização do sul. Em 1962, a aquisição de novos teares na fábrica resultou numa demissão de 1.236 pessoas. A fábrica da Vila Regina seria desativada em 1964 resultando na demissão de 2.000 pessoas. Mesmo com os investimentos na fábrica, a Companhia não aguentou a concorrência tecnológica. Paulatinamente, foi desativando às suas instalações. A partir de 1983 ela já havia parado grande parte do maquinário, Fernandes (2000).

Sr Ivo de Souza Marinho, foi a peça chave para a construção desse trabalho. Em sua entrevista ele me relatou que trabalhou na fábrica de 1974 até o seu fechamento. Começou como auxiliar de escritório e passou a ser gerente procurador. Em seu depoimento, ele afirma que a fábrica, por volta dos anos 80, possuía cerca de 8.000 funcionários registrados, mas que havia por volta de 15.000 funcionários diretos e indiretos que prestavam serviços a mesma e recebiam pela Companhia de Tecidos de Rio Tinto. Quando aconteceu a primeira crise, por volta de 1981, a fábrica possuía apenas 400 funcionários registrados.

Ele também relatou que um dos motivos do esfacelamento da Companhia de tecidos fora a situação da fábrica de Paulista que ao precisar de dinheiro para seu funcionamento, retirou partes dos lucros da de Rio Tinto para serem empregadas na indústria pernambucana. Tal fato gerou, uma profunda crise econômica na empresa têxtil de Rio Tinto, gerando, assim, a sua falência. Fernandes (2000) afirma que a cidade tombou no ano de 1946.

Sr Ivo também revelou que o motivo maior do fechamento da fábrica não foi apenas o não acompanhamento da modernização maquinária e tecnológica, como citam alguns livros, mas por conviver diariamente com os herdeiros e membros da família Lundgren. Ele descreve que o motivo maior foi o desentendimento familiar à cerca da administração da Companhia. “Rio Tinto parou no tempo e no espaço”. É assim que Sr Ivo descreve a atual situação da cidade de Rio Tinto.

Considerações Finais

Para concluir gostaríamos de reforçar a espacialidade da região em que ocorrem nos eventos apresentados no texto. A cidade de Rio Tinto localizada na mesorregião de João Pessoa, ficando, assim, acerca de 50 km da capital Paraibana. Ela fica como centro de passagem para as praias do litoral norte, sendo a mais conhecida, a Baía da traição. Presenciamos inúmeras construções deslumbrantes, dona de uma rica arquitetura, que foi um legado da família Lundgren,

Rio Tinto é uma pacata cidade que desconhece seu potencial turístico. Os belos palacetes que serviram de moradias ilustres, antes com sinônimo de status, hoje se desfalecem. Atualmente, alguns funcionam como prédios públicos. A saber, o INSS, a Biblioteca e outros.

A Companhia de tecidos encerrou suas atividades definitivamente em 1992. Sr Ivo de Souza Marinho, morador da cidade de Rio Tinto foi o último funcionário da fábrica a ser demitido. Este fato de sua demissão é bastante emblemático para a história da cidade, haja vista que foi ele mesmo quem assinou a sua carta de demissão.

Durante 2 anos, sr Ivo tentou deixar acesa a chama nos corações dos moradores da cidade, cuja esperança era o retorno das atividades provenientes da fábrica têxtil., trazendo, desta forma, o esplendor e o progresso para Rio Tinto.

No período das festividades natalinas e no dia 31 de dezembro, a fábrica apagava as luzes e ouvia-se de longe o apito da mesma como forma de tradição para os moradores da cidade. Seu Ivo ainda fez ecoar o apito da fábrica, mas a fábrica não voltaria a funcionar.

No prédio da fábrica, atualmente, funciona a UFPB e há também ainda alguns galpões desativados no local. Na Vila Regina, em que se localiza o palacete principal e parte da fábrica, os índios retomaram o terreno, sendo, assim, propriedade privada dos índios.

Rio Tinto é um das raras propriedades privadas do Brasil, pois os Lundgren continuam donos de 70% das casas e prédios comerciais e inclusive da igreja de Rio Tinto. A companhia não foi extinta totalmente visto a quantidade de aluguéis que ainda

geram muito lucro para os Lundgren, cerca de 250 mil reais mensais nas palavras de seu Ivo de Souza, e por isso, provavelmente, não vendem suas propriedades.

A maioria das casas, o prédio da fábrica e o seu patrimônio, ainda permanecem como se tivessem a intenção de marcar a forte presença da família Lundgren na cidade enfatizando, assim, o seu papel histórico.

A estátua de Frederico ainda resiste ao tempo, permanecendo, até hoje intacta, servindo como um simbolismo, que remete ao poder e que afirmam alguns moradores que a mesma foi preenchida por ouro. Alguns fatos inusitados já serviram de gozação para a população como, por exemplo, a história de um bêbado que ao passar por ela, gritou: já foi dono, hoje é vigia. Frei Damião, por exemplo, ao passar por Rio Tinto falou em sua pregação da blasfêmia que foi construir a estátua de costas para a igreja.

E ainda disseram- e ainda dizem –que, devido o bumbum da estatua ter ficado de costa para a igreja, o frei boca de praga dissera que um dia o melão (rama silvestre) haveria de estender-se e cobrir rio tinto tal qual um guarda chuva negro e amaldiçoado... (FERNANDES, 2000, p.98).

A população que criou um elo de dependência com a fábrica, hoje em Rio Tinto sobrevive, basicamente do comércio local e dos empregos de funcionários públicos. Os jovens cada vez mais deixam sua terra e partem em busca de melhores empregos, pois hoje é a cana de açúcar que ainda sustenta muitas famílias da região. Rio Tinto sofre com falta de investimento na saúde, educação e no lazer. Os Lundgren ao fecharem a Companhia, levaram com eles o progresso que trouxeram.

Atualmente, Rio Tinto não tem mais cinema, o porto esta inativado, não há mais funcionamento da ferrovia, o campo da aviação esta coberto de grama, é o que antes chegou a ser por um momento uma cidade referência no Brasil, hoje foi esquecida na memória dos que nela moraram ou por ela passaram, e o que ainda sobrevive na população de Rio Tinto, de fato, é a memória dos tempos em que Rio Tinto foi a cidade do progresso.

Referências

COUTINHO, Romero. *Vinte e cinco anos de Rio Tinto – Amenidades*. João Pessoa: Boa Impressão. 1993

FERNANDES, João Batista. Rio Tinto. *O extinto*. São Paulo. (s.ed.)1979

_____ *O Pai do Vento*. (s.ed).2000

GOES, Raul de. *Um sueco Emigra para o Nordeste*. UFPB. 1964.

QUEIROZ, Terezinha Airez de. “Pobre e Desafortunada Rio Tinto” In Afirt Informativo nº3. Rio Tinto, 1988

MAIA, Sabiniano. *No Vale do Mamanguape*. João Pessoa. 1981

MARIZ, Celso. *Evolução econômica da Paraíba*. João Pessoa: A União 1939 Apud GOES Raul de. Op.Cit. p.97,98

MARIZ, Celso. *O Passado e o Presente de Mamanguape*. In: Cidades e Homens. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985, p.30. Coletânea publicada em maio de 1945 e reeditada pela comissão do IV centenário da Paraíba em 1985.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. *História Oral*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, José Otávio de Arruda. *Arqueologia Industrial e imaginária industrial em Rio Tinto*. João Pessoa. (s.ed). 1988.

MELO, Josefa Sheila Pessoa de. *O Potencial Turístico no Município de Rio Tinto*. Guarabira-PB: mimeo, 2002(Monografia de Conclusão do Curso de Geografia).

RAMOS, José de Oliveira. *Pedaços da História de Mamanguape*. 1993. In Mamanguape: Passado e presente sob a visão do jornalista Celso Mariz 1943.

VALE, Eltern Campina. Tecendo fios, fazendo história.(manuscrito) *A situação operária na cidade fábrica Rio Tinto*.(Paraíba, 1959-1964) 2008. Dissertação de mestrado. 225 folhas.

Anexos



Vestido de branco, Coronel Frederico Lundgren em visita rotineira a fábrica de tecidos Rio Tinto. Foto do arquivo pessoal cedido pelo professor Cássio Ferreira Marques



Entrada antiga da Cidade de Rio Tinto. Foto do arquivo pessoal cedido pelo professor Cássio Ferreira Marques.



Palacete da Família Lundgren. Foto do arquivo pessoal cedido pelo professor Cássio Ferreira Marques



Imagem aérea da fábrica de tecidos Rio Tinto. Foto do arquivo pessoal cedido pelo professor Cássio Ferreira Marques.



Desenho da suposta águia na igreja de Rio Tinto. Foto do arquivo pessoal cedido pelo professor Cássio Ferreira Marques